



CONSONÂNCIAS DA *FICÇÃO* EM FLUSSER E A *RACIONALIDADE OSCILANTE* EM GADAMER

LEONARDO MARQUES KUSSLER¹ E MARCOS NAMBA BECCARI²

RESUMO: Este estudo pretende relacionar a noção de *ficção* em Flusser, no seio de sua epistemologia fabuladora, ao conceito do que chamamos “racionalidade oscilante”, em Gadamer, na esteira de sua hermenêutica filosófica, orientada a compreender diferentes modos de ser. Para tanto, refletimos sobre como Flusser pretendeu erigir um tipo de *ficção filosófica*, e na sequência articulamos tal proposta com a visão gadameriana em torno de uma metafísica moderada que critica verdades e valores absolutos. Por fim, assinalamos alguns vínculos entre os autores analisados, sobretudo no que diz respeito ao horizonte pelo qual as compreensões e os modos de ser convergem em um jogo interpretativo e ficcional.

PALAVRAS-CHAVE: Flusser, Gadamer, Ficção, Hermenêutica Filosófica.

ABSTRACT: This study intends to relate the notion of *fiction* in Flusser, within his fabulating epistemology, to the concept of what we call *oscillating rationality* in Gadamer, in following his philosophical hermeneutics, oriented to understanding different modes of being. To do so, we ponder on how Flusser intended to build a kind of philosophical fiction, and then we articulate this proposal with the Gadamerian view around a moderate metaphysics that criticizes absolute truths and values. Finally, we point out some links between the analyzed authors, especially with regard to the horizon through which understandings and ways of being converge in an interpretative and fictional game.

KEYWORDS: Flusser, Gadamer, Fiction, Philosophical Hermeneutics.

Só tem sentido uma afirmação que se situa entre o verdadeiro e o falso (FLUSSER, 2015, p. 2, tradução nossa).

Neste texto, defendemos que há uma relação entre a noção de “ficção” em Flusser e o conceito de “racionalidade oscilante” em Gadamer. O *locus* principal da reflexão de Flusser era epistemológico, ao passo que o de Gadamer era hermenêutico. Se a epistemologia é um estudo do próprio estudo, por dever de ofício explicita os dilemas do gesto de conhecer. E se a hermenêutica é um estudo dos sentidos do texto (que não se limita a palavras redigidas, mas, na esteira da etimologia do termo, abarca tudo o que é tecido, os múltiplos fios com que se tece

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: leonardo.kussler@gmail.com.

² Professor Adjunto do Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: marcosbeccari@ufpr.br.

uma interpretação), ela lida com diferentes leituras e pontos de vista, o que a leva a perspectivas ininterruptas.

Estamos, então, na dimensão epistêmico-hermenêutica em que interpretar coincide com conhecer e compreender é o mesmo que traduzir. Essa articulação leva a uma outra que nos interessa, mas de maneira tangencial: aquela entre a ficção e o design, uma relação tão produtiva quanto positivamente problemática. Produtiva porque uma coisa fecunda a outra, e problemática porque ambas podem ficar indistintas. Se design pode ser entendido, de acordo com Fry (2022, p. 12, tradução nossa), como “prática fictícia que prefigura algo que ainda não se fez presente”, a ficção, como veremos, abrange toda sorte de figuração. Design equivale a um “ainda não é”, enquanto a ficção aponta a um constante “poderia ser”.

Tal tipo de articulação provoca discussões que, por sua vez, permitem vislumbrar perspectivas que antes não existiam. Em sua proposta, Flusser adota a ficção como forma de pensar o mundo sem reduzi-lo ao domínio do dado objetivo; Gadamer, por sua vez, suspeita não somente da adequação entre as interpretações e as coisas, mas da própria coisa enquanto entidade estável. O aspecto oscilante reside na interrogação que não mira na realidade dada, mas nas possibilidades ficcionais que a organizam. E por mais que a relação entre filósofos e a ficção seja marcadamente conflitiva, há alguns que caminharam da poesia/ficção para a filosofia (Fernando Pessoa, Machado de Assis, Rainer Maria Rilke, Paul Valéry etc.) e outros que fizeram o caminho inverso (Merleau-Ponty, Heidegger, Foucault, Bachelard etc.). Pertencentes ao segundo grupo, Flusser e Gadamer sugerem que a realidade — ou o que chamamos de mundo —, desde que compreendida como resultado de uma construção de múltiplos fios que se entrecem, é também ficcional. E toda ficção convoca e provoca o intérprete a um diálogo, por meio do qual seus sentidos são interpretados, ignorados, manipulados, criados ou mesmo desfeitos, a depender da perspectiva adotada, das crenças envolvidas e dos significados buscados.

Para explicitar essa visada, revisamos, a seguir, como Flusser, primeiramente, escrevia suas obras como um exercício especulativo que mistura ficção e realidade, filosofia e ciência, a fim de erigir um tipo de *ficção filosófica*. Na sequência, mostramos como alguns elementos dessa proposta convergem com a visão de Gadamer em torno de uma *metafísica moderada* ou *racionalidade oscilante*, na medida em que ambas as visões propõem críticas a valores absolutos, fundos moralizantes tradicionais e verdades puramente objetivas. Por fim, assinalamos alguns vínculos entre os autores revisados, sobretudo no que diz respeito ao

horizonte pelo qual as compreensões e os modos de ser convergem em um jogo interpretativo e ficcional.

1. Ficção e[m] Flusser

O termo *ficção* pode ser traçado e esmiuçado de diversas maneiras. Uma delas é a análise etimológica, que tende a revelar aspectos muito interessantes para a discussão de qualquer tema, uma vez que ajuda a mostrar os horizontes a partir dos quais um conceito se forma. Para iniciar a presente seção, gostaríamos de propor três leituras rápidas a partir do conceito *ficção*, tanto do grego quanto do latim.

O primeiro termo é μῦθος [*mýthos*], que normalmente traduz-se por *mito*, mas, de um modo mais amplo, pode ser compreendido como *qualquer coisa dita pela boca*, em oposição ao termo ἔργον [*érgon*], a tarefa, a ação, o trabalho, a coisa materializada, algo que exige esforço, gera resultado. O *mito* também pode ser uma *coisa*, uma narrativa — sem distinção de verdade ou falsidade —, uma lenda, um relato, uma mensagem, um recado, uma estória, uma ficção. O segundo termo é φαντασία [*phantasía*], que pode ser compreendido como *aparência*, uma imagem refletida, uma sombra, imaginação, representação, criatividade, o elemento fantasioso e fantástico, invenção, algo ficcional, fantástico, *que só existe na imaginação*. Por fim, *fictiō*, do latim, remete a *fingir*, criar, elaborar coisas fantásticas e/ou fantasiosas, farsa, falsidade; criatividade, imaginação, narrativa imaginária, que remete muito ao termo grego ποιήσις [*poiēsis*], que remonta à fabricação, criação, produção, em oposição ao aspecto prágmatco da πράξις [*práxis*], que é o *fazer político*, uma ação prática, o negócio, o resultado de uma *transação* que se opõe ao πάθος [*páthos*], que é incidental, algo que recai sobre nós, um *padeecer passivo*, um sentimento que acomete nossa alma.

Ficção, pois, pode ser compreendida como o ato de *projetar*, de *designar*, isto é, indicar, caracterizar, representar, simbolizar e dar significado a algo por meio de práticas projetuais, de *design*. Trata-se de uma *potência*, um *fazer-pensar* que não é final, terminativo, taxativo e/ou dogmático, mas no sentido de δύναμις [*dýnamis*], uma possibilidade de fazer, condição e/ou habilidade para projetar, uma virtualidade a ser (ou não) atualizada. Essa noção anda de acordo com o que entendemos em termos de filosofia hermenêutica e pensamento crítico, em oposição ao saber dogmático, das certezas absolutas, da metafísica forte clássica, tradicional e imutável, temas que abordaremos pormenorizadamente na segunda seção.

No artigo *Da ficção*, Flusser (1966) lembra como, dos platônicos aos impressionistas, passando pelo cristianismo medieval, pelo renascimento, pelo barroco e pelo romantismo, a ficção explica a realidade. Na sequência, Flusser argumenta que, apesar da contradição lógica,

“realidade é ficção, e ficção é realidade” — sem admitir, porém, o caráter ficcional de suas premissas filosóficas. Além disso, Flusser (1966) se rende à dicotomia: “Tudo isso é loucura. Tudo isso é fingimento. A nossa época se finge de louca. [...] De tanto fingirmos acreditar na ficção da vivência e da razão, acabamos perdendo a fé na realidade”.

Naquele momento, Flusser ainda não conseguia enxergar a ficção de seus próprios mapas. Esse reconhecimento depende de uma longa trajetória que, insistindo em uma cartografia lógico-fenomenológica, mergulha em uma contradição jamais resolvida (BECCARI, 2021). Nesse sentido, Flusser mantinha-se refém da ficção, a começar pela de si mesmo: sua estranheza, suas mentiras, suas omissões (BERNARDO, 2017). Porém, ao mesmo tempo, talvez desconfiasse de que, afinal, as ficções sejam realidade, pois, como insistia Juan José Saer (2009, p. 2), “ao dar o salto em direção ao inverificável, a ficção multiplica ao infinito as possibilidades de tratamento. Não dá as costas a uma suposta realidade objetiva: muito pelo contrário, mergulha em sua turbulência”. Foucault (2014, p. 43) também não temia dizer-se ficcional: “[...] tenho consciência de que sempre escrevi somente ficções. Nem por isso quero dizer que isso esteja fora da verdade. Parece-me que há possibilidade de fazer trabalhar a ficção na verdade, de induzir efeitos de verdade com um discurso de ficção [...]”.

O que Foucault está tratando é justamente o reconhecimento de que tudo sobre aquilo que o ser humano diz é sempre uma narração sob *um ponto de vista*, uma versão de determinados fatos, balizada por realidades sociopolíticas que permitem *ficcionar* a história até torná-la verdadeira. Isso claramente está na esteira do que afirma Nietzsche (2008, p. 222), na célebre frase de seus *Fragmentos Póstumos*, 7 [60]: “Contra o positivismo, que se prende ao fenômeno ‘só há fatos’, eu diria, não, na verdade não há fatos, apenas interpretações”. Nesse sentido, tanto para Flusser quanto para Foucault e Nietzsche, há uma negação do projeto positivista e cientificista — que surge em meados do séc. XIX e se renova no início do séc. XX — que busca compreender a verdade pela teoria da correspondência empírica, da validação lógica da verdade científica. No mesmo fragmento nietzschiano, o autor ainda afirma que *não há como constatar fatos “em si”*, pois tudo é subjetivo, inclusive essa última afirmação, visto que o sujeito e a subjetividade são categorias inventadas e agregadas, hipóteses, *algo posto por detrás*, o que remete ao conceito aristotélico de ὑποκείμενον [*hypokeímenon*], a *coisa subjacente*, o que pode ser predicado *por outras coisas*, mas não pode ser predicado *de outras* (ARISTÓTELES, 2005, 1a20).

É sob a égide do nexos ficcional que Flusser (2011, p. 158) define, em *Natural:mente*, algo como uma “verdadeira atitude científica pós-objetiva”, que passa por “admitir que o nosso

interesse pelas coisas, embora imposto sobre nós por elas, as torna coisas”. Esse modo de pensar é bem similar ao de Bruno Latour (2014, s. p.), ao afirmar que as “questões de fato agora claramente se tornaram questões de interesse”. No original em inglês, Latour utiliza o termo *matter*, que pode significar tanto “questão” quanto “matéria”. As expressões *matters of fact* e *matters of concern* brincam com tais acepções, uma vez que a matéria enquanto “questão de fato” remete a algo objetivo, ao passo que a matéria enquanto “questão de interesse” diz respeito a interesses igualmente objetivos. O raciocínio de Flusser (2011, p. 155-156) segue na mesma trilha: quando o saber científico era mais metafísico, o ser humano não estava existencialmente interessado neste, mantendo-se, assim, a ficção do *conhecimento objetivo*; “Mas agora, quando o saber científico está penetrando regiões nas quais o homem está implicado (interessado), tal distinção fictícia entre o objeto conhecível e sujeito conhecedor se torna insustentável”.

No tocante à ficção, parece-nos que Nietzsche exerce maior influência em Flusser, em especial o adágio nietzschiano segundo o qual a arte é mais valiosa que a verdade (PORTUGAL, 2021). Entendendo arte como ficção presumida da verdade, e esta como um mapa já dado, a arte vale mais que a verdade na medida em que explicita o caráter ficcional da realidade e de seus mapas. Ao ler Nietzsche em alemão, Flusser sabia que, na sentença “*die Kunst mehr werth ist als die Wahrheit*” (“A arte é mais valiosa que a verdade”)³, o termo *Kunst* pode ser derivado do verbo *koennen*, que significa “poder”, no sentido de ser capaz ou saber fazer/ter permissão para. Arte é, então, o produto da capacidade ou do poder de criar algo — a potência da qual falamos anteriormente — ao passo que a verdade é algo que se supõe já enquanto *unidade de verdade* (*warh*, “verdadeiro” + *heit*, “unidade”) e que, portanto, não pode ser criada, mas interpretada.

No texto intitulado *Ficção científica*, Flusser (2015) defende que há uma *zona cinzenta* na qual ciência e imaginação, fato e ficção, sobrepõem-se e se entrecruzam, e, sobre isso, tanto cientistas quanto escritores podem propor objeções e argumentos. Segundo Torres (2011), podemos entender a ficção científica como chave de leitura da obra flusseriana como um todo. Para o autor, o pensamento e a prática da ciência não existem sem a ficção, pois pensamentos exigem *hipóteses* e as práticas científicas requerem *estímulos*. Em uma afirmação mais ousada, Flusser (2015) afirma que se pode considerar que toda a cosmovisão e o constructo da ciência são uma *ficção científica*. A questão é que, para Flusser, ficção adquire sentido e função que

³ Adiantando um tema sobre o qual trataremos posteriormente, a saber, a hermenêutica filosófica de Gadamer, vale ressaltar que um de seus primeiros escritos, elaborado ainda nos anos 20, trata do *Filebo* de Platão, no qual, em uma passagem, afirma que *a potência da verdade se refugia na natureza do belo* (Cf. GADAMER, 1991; *Filebo*, 64e). Trazemos essa sentença para pensarmos que a arte e o belo são modos de dizer a verdade, que, como mostraremos na segunda seção, está longe da ideia tradicional de verdade absoluta.

destoam dos tradicionalmente atribuídos; textos de ficção científicas são mais artísticos que científicos, e suas ficções não passam de extrapolações de tendências já observáveis pela tecnologia.

Para Flusser (2015), a questão toda reside no conceito de *verdade*, especialmente a partir de sentenças lógicas, como tautologias do tipo *está ventando ou não está ventando*, pois sempre estão corretas, assim como contradições do tipo *está ventando e não está ventando*, que não correspondem a algo possível. Apenas afirmações, argumentos e sentenças que ficam *no meio do caminho* entre verdadeiro e falso são significativos, e a verdade ficcional está justamente nessa condição, de modo que afirmações são mais ou menos atingíveis quando a verdade é um horizonte inatingível. Em outras palavras, o que Flusser defende é o que se pesquisa em Filosofia da Ciência há mais de um século, a saber, que *nada chega à verdade, mas aproxima-se sucessivamente*.⁴ Flusser (2015) acredita que a ficção científica tem os mesmos poderes criativos da ciência, mas em direção oposta, pois dirige-se ao *belo*, e, de acordo com o autor, uma possibilidade de que tal tipo de ficção científica exista se daria pelas imagens sinteticamente criadas por equações científicas computadorizadas — talvez algo próximo do que temos, hoje, com sistemas generativos de imagens por IA, como MidJourney, DALL-E e afins?

Para Flusser, boa parte da ficção científica é enfadonha e enganadora, pois tem pouco de científica, no sentido de que não traz informações disruptivas da realidade, e seria mais interessante se operasse na ordem do *possível ainda que improvável*. De acordo com a interpretação de Mittermayer (2016), talvez a obra mais ficcionalmente complexa e acabada de Flusser seja *Vampyroteuthis infernalis*. Flusser (2012) constrói uma metáfora epistemológica e de teoria do conhecimento a partir de um animal — *lula-vampira-do-inferno*, uma espécie de cefalópode que vive em grandes profundidades, superior a 400m, com baixíssima oxigenação e grande pressão — que representa um espelho submerso de diversos aspectos que nos definem enquanto seres pensantes que possuem um corpo e habitam um mundo com uma determinada visão de mundo (MIGUEL, 2013). Como afirma Farias (2022), trata-se de uma espécie de *zoontologia*, que é uma categoria que busca analisar existencialmente o ser humano sem a

⁴ Pensemos, por exemplo, no empenho das propostas do falsacionismo de Karl Popper, a estrutura paradigmática das revoluções científicas de Thomas Kuhn, o anarquismo metodológico plural de Paul K. Feyerabend e os programas de investigação de Imre Lakatos. Todos esses autores buscaram, de diferentes modos e com argumentos variados, expor a limitação do método científico moderno, que tendia ao absoluto, que se arvorava como detentor de verdades incontestes e, por vezes, tão dogmáticas quanto as *verdades de fé* medievais. Como mostraremos a seguir, boa parte da discussão de Hans-Georg Gadamer gira em torno dessa mesma problemática, uma vez que o autor trata de expor que a única racionalidade filosófica possível é a que parte de um condicionamento histórico, ciente de sua limitação e do caráter momentâneo e aberto de sua verdade.

distinção ontológica antropocêntrica; em outras palavras, o autor considera que Flusser propõe uma ontologia planificada — na mesma linha argumentativa, Felinto (2018) afirma que *Vampyroteuthis infernalis* propõe uma nova ontologia não antropocêntrica, orientada a objetos.

O cefalópode abismal representa a cultura do *como se*, o aspecto conspiracional, as demagogias e as estratégias do engodo que se refletem nos discursos políticos contemporâneos, permeados por narrativas fabulosas e descomprometidas com qualquer tipo de coerência minimamente racional (BECCARI, 2019). A fábula proposta por Flusser é um exercício especulativo que mistura ficção e realidade, filosofia e ciência, a fim de erigir um tipo de *ficção filosófica*. O fato de a espécie empregada alegoricamente no texto existir no nosso mundo dá um tom de verossimilhança ao texto, e o olhar para *Vampyroteuthis infernalis* significa colocar-se diante de um espelho distorcido a partir do qual podemos exercitar autocríticas e tratar de monstruosidades existenciais que ocultamos nos recônditos abissais de nosso ser.

Por fim, a fluidez dos mares representada na obra ficcional, fabulosa e fantástica flusseriana aponta para as incertezas de uma vida repleta de dúvidas, de possibilidades, de pensamentos inacabados. Aliás, Cabrera (2018) atesta que Flusser tem uma maneira peculiar de escrever sua narrativa filosófica — no bom sentido do termo *narrativa* —, pois fala *através de autores*, com um viés antissistêmico e antimodernidade, fazendo uso de expressões poético-filosóficas quase aforísticas, e, por isso mesmo, *quase impossível* aos leitores convencionais habituados ao filosofar mais tradicional e hermético — mas também *emancipador* por seu estilo que inspira a romper a bolha acadêmica. No pensamento flusseriano, em especial nas obras aqui mencionadas, o projetar não se encerra apenas como instrumento de avaliação e/ou predição, mas como forma de imaginar *futuros*, *cenários*, *mundos* possíveis e diferentes dos que habitamos. Na próxima seção, mostraremos como alguns elementos da proposta ficcional flusseriana convergem com a visão de uma *metafísica moderada* ou *racionalidade oscilante*, na medida em que ambas as visões propõem críticas a valores absolutos, fundos moralizantes tradicionais e verdades inabaláveis e puramente objetivas.

2. Hermenêutica gadameriana: metafísica moderada ou racionalidade oscilante

Como vimos, a ficção pode ser vista não apenas como uma narrativa de eventos, personagens e/ou indivíduos [de modos] imaginários. Há elementos problemáticos no emprego da narrativa ficcional quando ela extrapola sua própria esfera especulativa e é utilizada como técnica de distorção da realidade, de contextos históricos, de relativização absoluta dos fatos ocorridos e documentados. Esse tipo de servir-se da ficção pode fundamentar pseudociências — que, diferentemente das ficções científicas, se apresentam como fatos verdadeiros (MAY,

2017) — e pseudo-histórias, como alertam estudos sobre os inúmeros projetos revisionistas atuais (ALLCHIN, 2004). Contudo, como bem apontamos, a ficção pode ser entendida como *ato de projetar* e representar algo por meio do design. A ficção pode funcionar como um laboratório de *pensamentos potenciais*, de *potências de um fazer-pensar* que não se reduz em sua prática, mas abre-se enquanto possibilidade de diálogo, de discutir acerca de suas incertezas, e nesse sentido consideramos ser convergente ao projeto hermenêutico gadameriano, como mostraremos a seguir.

Como apresentamos acima, Flusser lança mão da ficção para explicitar seus conceitos e pensar a *condição projetadora do ser humano*. Parece que há um apelo ao filosofar próprio da Filosofia Antiga, que se valia de fábulas, alegorias e metáforas para adequar o discurso dependendo do público a que se destinava. É interessante notar que, assim como Flusser fala da importância da imagem para *confabular* — termo que usamos no sentido de *fabular-com*, isto é, conversar com alguém sobre um assunto misterioso, indefinido, *ficcional* — sobre determinado tema, na *Carta VII*, uma das séries de cartas que narram os fracassos políticos de Platão, fala-se que a imagem é um dos modos de *dizer o ser* (PLATÃO, 2008, 342b). É interessante que, nesse caso, o termo empregado é εἰδῶλον [*eídōlon*], que pode ser tanto uma imagem quanto uma ideia, uma representação de algo, uma *imagem refletida na água* (ou no espelho), uma similaridade distorcida de algo, tal como a imagem da espécie *Vampyroteuthis infernalis* de Flusser, que atua como espelho de nossas próprias incertezas e limitações. Aliás, como afirma Cabrera (2006), há tempos que a Filosofia poderia se beneficiar ao considerar a importância de *conceitos-imagem* juntamente aos *conceitos-ideia*, isto é, reconhecendo o valor ontofilosófico de imagens tanto quanto o de textos tradicionalmente aceitos na história da Filosofia.

Para Beccari (2021), a ficção é o *provável*, o *possível*, na medida em que trata de negar certezas absolutas. No caso da hermenêutica filosófica de Gadamer (1999), o ponto é justamente o mesmo, visto que boa parte de sua pesquisa — especialmente o que foi compilado em *Verdade e Método* — girou em torno de mostrar que: a) a hermenêutica não é uma mera ferramenta a ser utilizada, mas um modo de compreender, uma postura diante do mundo; b) a ideia de *método científico único* é extremamente limitada e não é nada benéfica ao desenvolvimento de pesquisas em diferentes áreas, pois parece retornar à visão medieval de verdades absolutas, metafísicas fortes e irrefutáveis; e c) é possível filosofar a partir de obras de arte, de imagens, visto que *a verdade também se oculta no belo*, de maneira que a experiência estética provê meios para melhor compreender a nós mesmos e ao mundo.

Gadamer é tão contra a *metafísica forte* — ou seja, contra uma ontologia unívoca, uma verdade única, uma busca pelo absoluto — que é tachado de relativista, como mostram alguns textos (FAYYAZI, 2020; BILEN, 2001; ECHEVERRIA, 2006). Nossa proposta, aqui, é argumentar que é possível considerar que a hermenêutica filosófica gadameriana também opera no nível ou na esfera do *ficcional*, seja pela dimensão do *jogo* presente na filosofia de Gadamer, seja pela dimensão da *racionalidade oscilante*, como na herança do ἐνθύμημα [*enthymēma*] aristotélico, em que não se exige a rigorosidade de um silogismo clássico, apenas argumentos prováveis. Sobre a questão do jogo, poderíamos destacar a obra *A atualidade do belo: a arte como jogo, símbolo e festa*, publicada originalmente em 1977. Gadamer (1985) trata da experiência lúdica que subsiste à recepção e compreensão estética, que se desdobra enquanto *símbolo ontológico e valorativo* e abre-se à figura do outro, na medida em que envolve outros *jogadores-intérpretes* no processo festivo da compreensão.

Tanto é oscilante a racionalidade apresentada por Gadamer que ele insiste na noção de *movimento de vaivém* presente na dialética dialógica da compreensão humana, visto que é sempre limitada, insuficiente e requer trocas com outras consciências, outras pessoas, como um pêndulo que, alegoricamente, balança entre o todo e as partes. Podemos resgatar os termos δύναμις [*dýnamis*] e κίνησις [*kínēsis*], que representam não apenas a circularidade compreensiva, mas, metaforicamente, o sobrevoos de Hermes, mensageiro símbolo da hermenêutica que se desdobra entre o mundo dos vivos e dos mortos, dos deuses e dos mortais, dos sábios e dos ignorantes. A oscilação, aqui, também remete à metáfora empregada por Flusser, que trata da racionalidade vampirotêutica do cefalópode que titubeia, que vaga pelos mares, que desliza por entre os diferentes entendimentos ficcionais, narrativos e inacabados. Podemos pensar na racionalidade oscilante também do ponto de vista do que propõem Vattimo e Rovatti (1995), quando cunham o termo *pensiero debole*⁵ para abordar o tipo de racionalidade que se opõe à racionalidade forte, unívoca, do método inequívoco da ciência objetificante.

⁵ O termo *pensiero debole* resume o que Vattimo, aluno e estudioso de Gadamer, especialmente pensa em termos de pós-modernidade. Trata-se de uma postura niilista com relação às certezas absolutas do *pensamento forte* da metafísica tradicional reforçada e exacerbada pelo *ego cogitans* cartesiano. Optamos por traduzir *pensiero debole* como *racionalidade oscilante* para tirar um pouco do peso que as palavras, *frágil*, *débil* e/ou *fraco* carregam no português, que normalmente são as opções utilizadas nas tentativas de tradução a partir do Italiano. *Oscilante* preserva a noção de que falamos de um modo de compreender que é *vacilante*, que, assim como um pêndulo, está aberto a ir de um lado ao outro do espectro hermenêutico, inclusive podendo ceder à razão do outro, reconhecendo o próprio erro. Além disso, metaforicamente, *oscilante* funciona como um modo de indicar o movimento das ondas, o movimento dos mares e das marés, *locus* onde se encontra o cefalópode retratado por Flusser como espelho distorcido do ser humano em sua existência *molenga*, *indolente*, *vagal*, termos que combinam com a proposta de uma racionalidade que não se propõe a ser autoritária, acrítica, dogmática e/ou absoluta.

Na obra *Vom Subjekt zum Projekt*, Flusser (1994) entende que teoria e pensamento não se resumem a instrumentos para avaliar e predizer coisas, mas são ferramentas para *construir mundos* ou *mecanismos para projetar e imaginar futuros [e cenários] possíveis*. Gadamer (1999), por sua vez, em sua crítica à hermenêutica tradicional e à metafísica forte, também defende que o processo hermenêutico, o *modo de ser-no-mundo* do *Dasein* — o ser humano ciente de sua finitude, de suas limitações existenciais e epistemológicas, que busca se autossuperar de alguma forma e conviver com seres [animados e inanimados] —, não serve apenas como ferramenta de melhoramento epistemológico ou cognitivo, mas atua sob a égide da φρόνησις [*phrónēsis*], isto é, um tipo de *racionalidade prática* que ajuda a melhorar nossas possibilidades de ação e deliberação no mundo. Resumindo, tanto para Flusser quanto para Gadamer, nossa capacidade de compreender e projetar não se resume a aspectos teóricos, mas se desdobra na prática, na factualidade, no contexto sociopolítico de nossas vidas.

O exemplo flusseriano da *lula-vampira-do-inferno* mostra uma ausência de solo, de um cefalópode que vive livremente no fundo do mar, na fluidez, na oscilação dos movimentos das águas marítimas, sem um solo, sem um porto seguro e absoluto de uma base metafísico-ontológica forte. Isso tem relação direta com o que pensa o próprio Flusser (2007) em sua autobiografia, cujo título representa a *ausência de solo* presente no título, *bodenlos*. Esse termo não significa apenas *sem solo*, mas algo *indescritível, sem fundo, incrível, sem limitações e abissal*; para Flusser, trata-se de *pensar a partir do absurdo* que é ser humano, repleto de dúvidas em um oceano de incertezas oscilantes.

Esse modo de *racionalidade oscilante*, que permeia tanto a proposta gadameriana quanto a flusseriana, também tira a primazia antropocêntrica da ontologia clássica, abrindo espaço para o que se convencionou chamar de *ontologia planificada* ou *ontologia orientada a objetos* já discutida por vários autores (HARMAN, 2017; FRY, 2020; WILLIS, 2006).⁶ Tal teoria fundamenta que os seres humanos vivem em constante *mediação* ou *entre* outros entes [in]animados, e a ficção flusseriana mostra isso por meio de *Vampyroteuthis infernalis*, que também opera como reflexão sobre o que é ser humano em meio aos outros, ao diferente, ao *alienígena*. Assim como a ficção fabulosa flusseriana propõe um pensar sobre a alteridade, alguns estudos sobre Gadamer fundamentam a noção da alteridade por meio de sua hermenêutica filosófica que, para além de tentar compreender diferentes conhecimentos,

⁶ Curiosamente, a teoria que fundamenta tal percepção de uma ontologia que horizontaliza seres humanos e coisas é de Heidegger (2012a), visto que, já em *Ser e Tempo*, afirma que o *Dasein* é um ente que existe em meio a outros entes, introduzindo a questão da mediação técnica entre entes animados e imateriais posteriormente abordada por Heidegger (2012b), em *A questão da técnica*, em *A coisa* (2012c), e adotada por Latour (1994).

propõe-se a *compreender diferentes modos de ser* (GEORGE, 2020; RISSER, 1997; ROHDEN; KUSSLER, 2021).

Para finalizar, outro aspecto que parece harmonizar ou pôr em consonância e convergência as teorias de Flusser e Gadamer é, respectivamente, a utilização dos termos *Standpunkt* e *Horizont*. Se, para Flusser, é fundamental pensar o projetar cenários [d]e ficções possíveis a partir de um ponto de vista, um determinado entendimento acerca da realidade, para Gadamer é imprescindível que se pense a forma de compreensão humana a partir de um horizonte, de uma postura, de uma consciência histórica, uma tradição que nos marca de uma forma ou de outra. Parece algo trivial, mas aceitar que toda compreensão parte de um *ponto de vista* ou *horizonte* é atestar a finitude, a limitação e a incerteza das pequenas verdades que fundamentamos a partir de nossas vivências. A verdade enquanto ficção, enquanto narrativa, enquanto interpretação lembra do mote nietzschiano que tratamos na seção anterior — *não há fatos, apenas interpretações [destes]* —, visto que compreender e/ou projetar algo é sempre um exercício da subjetividade. Mais do que isso, projetar a partir de um horizonte ontológico, nas visões gadameriana e flusseriana, é estar aberto ao diálogo, aos horizontes alienígenas, às profundezas do mar oscilante de incertezas e repleto de respostas sempre provisórias.

Considerações finais

Ao longo deste estudo, buscamos mostrar como a ficção, em Flusser, dialoga com o que Gadamer e alguns autores correlatos conceituaram como “metafísica fraca”, ou seja, uma verdade sempre provisória em detrimento da tradição de uma “metafísica forte” ou “verdade absoluta”. Com o que foi exposto, argumentamos em favor da ficção com a qual a hermenêutica vai dialogar. Entre as múltiplas possibilidades de compreensão dos gestos ficcionais — e aqui não há qualquer pretensão de hierarquizá-los —, interessam-nos os vínculos entre os modos de projetar e os modos de compreender, entre design, ficção e interpretação, entre as tradições e os imaginários que orientam as formas de agir, de pensar, sentir, avaliar, de se expressar, de lidar com o outro e se situar no mundo.

Pressupõe-se, com isso, que a hermenêutica nos ajuda a compreender não exatamente o sentido deste ou daquele fenômeno enquanto tal, mas a projeção de um sentido ao fenômeno interpretado. Pois se a hermenêutica pode ser encarada, de acordo com Vattimo (1999, p. 16), como uma *κοινή* [*koinē*], uma espécie de dialeto comum ou língua franca, ela implica a “generalização da noção de interpretação, até coincidir com a mesma experiência do mundo” — resultado a que chegamos, ainda de acordo com Vattimo, o existencialismo, o neokantismo, a fenomenologia e a filosofia analítica. Nesse sentido, podemos falar em hermenêutica

nietzschiana, ou mesmo hermenêutica flusseriana, por mais que nem Nietzsche nem Flusser tenham tratado diretamente do tema. Ambos não pretendiam *descobrir* o sentido verdadeiro de uma coisa, mas problematizaram os sentidos projetados, as interpretações.

O caráter decisivo da proposta flusseriana está justamente na ampliação da ideia de conhecimento, tomando-a não mais como processo de verificação da adequabilidade entre um objeto ou fenômeno e seu enunciado, mas como a realização possível de uma ficção. De forma complementar a essa proposição, Gadamer (1999) defende que toda compreensão possível deriva da perspectiva de um jogo compreensivo oscilante ancorada na tradição e na linguagem. Nossos preconceitos e crenças, as perguntas que julgamos que devem ser feitas e as respostas com as quais nos satisfazemos são resultados de uma conversa com a tradição, de tal modo que a própria linguagem é também condicionada pelas tradições. Tal concepção não corresponde exatamente à ideia flusseriana de ficção, mas compartilha com ela a negação de um sentido objetivo que emanaria da própria realidade ou das coisas mesmas.

Flusser (1967, p. 9) dizia que a literatura, seja ela filosófica ou não, é o lugar no qual se articula o senso de realidade, visto como sinônimo de religiosidade porque “real é aquilo no qual acreditamos”. A dicotomia cartesiana, por exemplo, entre alma e matéria, entre *res cogitans* e *res extensa*, resulta menos de uma distinção epistemológica do que de um conjunto ético-religioso do qual ainda participamos. Mas Flusser (2011) também insistia em mostrar como a relação entre tal crença (em suas decorrentes ficções, interpretações, lógicas científicas etc.) e a realidade não é crível, uma vez que os fenômenos e acontecimentos a desmentem a todo instante. O conhecimento, então, não se dirige a um lado ou a outro dessa relação oscilante, mas, sim, às maneiras pelas quais essa relação pode se dar. Por sua vez, as ficções que organizam nossas compreensões não revelam o sentido da coisa interpretada, mas o modo como construímos essas interpretações.

Nossa condição humana é, portanto, a de intérpretes, de tradutores, que buscam compreender determinados fenômenos e acontecimentos a partir de uma ficção ou de uma tradição, como seres vampirotêuticos cuja racionalidade oscila entre as ondas, sem um chão metafísico acrítico, mas com o vaivém próprio do exercício especulativo, hermenêutico e relacional. Mesmo quando queremos criar novos sentidos, ou projetar novos cenários, estes precisam, para serem compreendidos, ser enunciados em formas de expressão que correspondam às expectativas interpretativas que já permeiam os fenômenos e os acontecimentos. Por fim, pontuamos algumas implicações gerais da visada ficcional de Flusser. Primeiro, que a realidade não é uma coisa dada em relação à qual temos que descobrir a versão

verdadeira; segundo, que seus sentidos — ou valores, se quisermos ser gadamerianos — são construídos e organizados previamente; terceiro, que podemos participar do real como se participa da ficção, tomando uma dada realidade como uma configuração dentre outras possíveis, assim como ficções tornam-se possibilidades de realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLCHIN, Douglas. Pseudohistory and pseudoscience. *Science & Education*, v. 13, p. 179-195, 2004. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/b:sced.0000025563.35883.e9>. Acesso em: 3 jul. 2023.

ARISTÓTELES. *Órganon*: Categorias, Da interpretação, Analíticos anteriores, Analíticos posteriores, Tópicos, Refutações sofísticas. Bauru: EDIPRO, 2005.

BECCARI, Marcos N. O abismo através do espelho: a atualidade de Vampyroteuthis Infernalis de Vilém Flusser. *Visualidades*, v. 1, p. 1-14, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/57487>. Acesso em: 3 jun. 2023.

_____. A estranheza de Flusser: entre arte, ciência e filosofia. *Concinnitas*, v. 22, n. 40, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/50862/38274>. Acesso em: 4 abr. 2023.

BERNARDO, Gustavo; GULDIN, Rainer. *O homem sem chão*: A biografia de Vilém Flusser. São Paulo: Annablume, 2017

BILEN, Osman. *The Historicity of understanding and the problem of relativism in Gadamer's philosophical hermeneutics*. Washington: The Council for Research in Values & Philosophy, 2001.

CABRERA, Julio. *O cinema pensa*: uma introdução à filosofia através dos filmes. São Paulo: Rocco, 2006.

_____. Vilém Flusser como ponto de ruptura no atual sistema brasileiro de filosofia: acerca da obra *Da dúvida*: texto impossível. In: FLUSSER, Vilém. *Da dúvida*. São Paulo: É Realizações, 2018. p. 127-174.

ECHEVERRIA, Eduardo J. Gadamer's hermeneutics and the question of relativism. In: VANHOOZER, Kevin J.; SMITH, James K. A.; BENSON, Bruce Ellis (ed.). *Hermeneutics at the crossroads*. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 2006. p. 51-81.

FARIAS, André Brayner de. Vampyroteuthis infernalis: ensaio de zoontologia abismal. *Ideação*, n. 46, p. 324-338, Julho/Dezembro 2022. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/download/8370/7598/36156>. Acesso em: 3 jul. 2023.

FAYYAZI, Masoud. Relativism in Gadamer's philosophical hermeneutics. *Philosophy of Religion*, v. 17, n. 1, p. 137-162, 2020. Disponível em: https://jpht.ut.ac.ir/article_73735_ee396103f05dba5bc18d029731c199db.pdf?lang=en. Acesso em: 3 jul. 2023.

- FELINTO, Erick. Mare nostrum, mare alienum: identidade, epistemologia e a imaginação flusseriana dos fluxos. *Matrizes*, v. 12, n. 3, p. 45-58, set./dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/147202/149814>. Acesso em: 3 jul. 2023.
- FLUSSER, Vilém. *Vilém Flusser Schriften III: Vom Subjekt zum Projekt - Menschwerdung*. Bensheim; Düsseldorf: Bollmann, 1994.
- _____. Da ficção. *O Diário de Ribeirão Preto*, 26 de agosto de 1966. Disponível em: <http://flusserbrasil.com/art2.html>. Acesso em: 3 jun. 2023.
- _____. *Da religiosidade*. São Paulo: Comissão Estadual de Cultura, 1967.
- _____. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007.
- _____. *Natural: mente: vários acessos ao significado de natureza*. São Paulo: Annablume, 2011.
- _____. Science fiction. *Flusser Studies*, v. 20, 2015. Disponível em: <https://www.flusserstudies.net/sites/www.flusserstudies.net/files/media/attachments/hanff-science-fiction-en.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2023.
- _____. *Vampyroteuthis infernalis*. São Paulo; Coimbra: Annablume; Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.
- FRY, Tony. *Defuturing: a new design philosophy*. London: Bloomsbury, 2020.
- _____. *Writing Design Fiction: relocating a city in crisis*. London: Bloomsbury Visual Arts, 2022.
- GADAMER, Hans-Georg. *A atualidade do belo: a arte como jogo, símbolo e festa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- _____. *Plato's dialectical ethics: phenomenological interpretations relating to the Philebus*. New Haven; London: Yale University Press, 1991.
- _____. *Verdade e método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HARMAN, Graham. *Object-oriented ontology: a new theory of everything*. London: Pelican Books, 2017.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Campinas; Petrópolis: Editora da Unicamp; Vozes, 2012a.
- _____. A questão da técnica. In: _____. *Ensaio e conferências*. Petrópolis; Bragança Paulista: Vozes; Editora Universitária São Francisco, 2012b. p. 11-38.
- _____. A coisa. In: _____. *Ensaio e conferências*. Petrópolis; Bragança Paulista: Vozes; Editora Universitária São Francisco, 2012c. p. 143-164.
- FOUCAULT, Michel. “As Relações de Poder Passam para o Interior dos Corpos”. In: _____. *Ditos e Escritos IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- GEORGE, Theodore. *The responsibility to understand*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2020.

LATOUR, Bruno. On technical mediation - philosophy, sociology, genealogy. *Common Knowledge*, v. 3, n. 2, p. 29-64, 1994. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/54-TECHNIQUES-GB.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2023.

_____. “Um Prometeu cauteloso? Alguns passos rumo a uma filosofia do design (com especial atenção a Peter Sloterdijk)”. *Agitprop*: revista brasileira de design, São Paulo, v. 6, n. 58, jul./ago. 2014. Disponível em: http://www.agitprop.com.br/index.cfm?pag=repertorio_det&id=86&titulo=repertorio. Acesso em: 3 jul. 2023.

MAY, Andrew. *Pseudoscience and science fiction*. Cham: Springer International Publishing, 2017.

MIGUEL, Alcebiades Diniz. Monstro e espelho (o *Vampyroreuthis infernalis*, de Vilém Flusser, e a identidade espelhada do monstro. *Letrônica*, v. 6, n. 2, p. 782-797, jul./dez., 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/download/13890/11290/68785>. Acesso em: 3 jun. 2023.

MITTERMAYER, Thiago. A filosofia da ficção flusseriana à luz da fenomenologia alienígena. *Teccogs*: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, n. 13, p. 49-66, jan-jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teccogs/article/view/52500/34532>. Acesso em: 3 jun. 2023.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Fragmentos póstumos*: volumen IV (1885-1889). 2. ed. Madrid: Tecnos, 2008.

PLATÃO. *Carta VII*. Trad. José Trindade Santos e Juvino Maia Jr. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora PUC-Rio; Loyola, 2008.

_____. *Filebo*. Trad. Fernando Muniz. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora PUC-Rio; Loyola, 2012.

PORTUGAL, Daniel B. Ecos nietzschianos na filosofia da língua de Flusser. In: FLUSSER, Vilém. *Língua e realidade*. Col. Biblioteca Vilém Flusser. São Paulo: É Realizações, 2021. p. 313-322.

RISSER, James. *Hermeneutics and the voice of the other*: re-reading Gadamer's philosophical hermeneutics. Albany: State University of New York Press, 1997.

ROHDEN, Luiz; KUSSLER, Leonardo M. Pressuposto ético da alteridade na hermenêutica filosófica à luz do Sofista de Platão. *Trans/Form/Ação*, v. 44, n. 3, p. 257-276, 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/trans/a/vqJqX5LJBxJPVpKLxmgTGJc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 jul. 2023.

SAER, Juan José. “O conceito de ficção”. *Sopro*: panfleto político cultural, agosto de 2009, p. 2. Disponível em: <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/n15.pdf>. Acesso em maio de 2023.

TORRES, José Antunes. A “ficção científica” em Vilém Flusser: alguns

caminhos de investigação. *Memorare*, v. 8, n. 1, p. 6-28, jan./jun. 2021. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/memorare_grupep/article/view/10668/5743. Acesso em: 3 jun. 2023.

VATTIMO, Gianni. *Para Além da Interpretação*: o significado da hermenêutica para a filosofia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

VATTIMO, Gianni. ROVATTI, Pier Aldo (ed.). *Il pensiero debole*. 10. ed. Milano: Feltrinelli, 1995.

WILLIS, Anne-Marie. Ontological designing. *Philosophy Papers*, v. 4, n. 2, p. 69-92, 2006. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.2752/144871306X13966268131514>. Acesso em: 3 jul. 2023.